

MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS (MAA)

Débora Peres Menezes

SIAPE 1159726; MASIS 104536
lotação: Depto de Física, CFM, UFSC
página pessoal: debora.fsc.ufsc.br

Este memorial foi preparado em consonância com o Anexo I, Art. 5º da Portaria n. 982, de 3 de outubro de 2013, do Ministério da Educação para fins de progressão para a classe E, de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior. Os itens passivos de avaliação encontram-se no final deste MAA. Todos os textos em itálico foram retirados do meu livro **Nos Bastidores da Ciência**, editado pela Conceito Editorial e publicado em 2006. Na minha página pessoal na internet (debora.fsc.ufsc.br), existem *links* comprobatórios para grande parte das atividades de pesquisa e extensão abaixo mencionadas, tanto na forma de *DOI*, a partir do meu currículo Lattes, quanto clipes ligados à inauguração do Parque Viva a Ciência, que foram veiculados pela mídia local.

1 A escolha pela carreira acadêmica

Quando optei pelo curso de física, eu tinha em mente seguir uma carreira de professora de ensino médio. No entanto, ao chegar à Universidade (entrei na USP em 1980, com 17 anos), perspectivas completamente diferentes apareceram e a carreira científica passou a ser uma possibilidade concreta. Nunca desisti da ideia de ser professora e, portanto, segui tanto o curso de bacharelado, como o de licenciatura. Quando me formei, continuar os estudos durante o mestrado me parecia uma sequência lógica e foi o que fiz.

Minha primeira experiência de colaboração em um grupo de pesquisa foi durante o curtíssimo tempo que trabalhei no Instituto do Coração (Incor), ligado à Faculdade de Medicina da USP. Assim que me formei na graduação, prestei um concurso para trabalhar com física médica no Incor. Na época, fiquei em segundo lugar e me esqueci do concurso. Quando eu estava para terminar o mestrado, quase dois anos mais tarde, fui chamada para começar a trabalhar. Colocaram-me numa equipe ligada ao Serviço de Informática Médica que estava fazendo testes com um magnetocardiógrafo. O magnetocardiógrafo era uma espécie de eletrocardiógrafo que, ao invés de ler o sinal elétrico produzido pelo coração (o famoso sinal QRS, que aparece nos eletrocardiogramas), lia o correspondente sinal magnético. A grande vantagem é que o magnetocardiógrafo é não invasivo, isto é, não há necessidade de contato com o corpo

humano. Portanto, poderia ser usado para ler batimentos cardíacos de fetos, ainda no corpo da mãe, por exemplo. A desvantagem é que capta outros sinais magnéticos externos, e o ruído precisa ser eliminado do sinal, o que envolve um certo processamento computacional. Foi no Incor, em 1985, que tive o primeiro contato com os micro computadores, na época, devido à reserva de mercado, todos produzidos no Brasil. Comecei a trabalhar no Incor em dezembro de 1985 e, em julho de 1986, fiquei sabendo que a bolsa que eu havia pedido ao CNPq, para fazer doutorado em Oxford, na Inglaterra, me havia sido concedida. Optei pela bolsa e larguei o emprego.

Nessa ocasião, eu já havia percebido que o trabalho no Incor, apesar de ser realizado num ambiente com um certo viés de pesquisa, transformar-se-ia, a longo prazo, num trabalho rotineiro e, dessa forma, a opção pelo doutorado pareceu-me mais atraente.

Fui para Oxford em outubro de 1986 e defendi minha tese em maio de 1989. Foi um dos períodos mais ricos da minha vida, durante o qual cada novo dia resultava em aprendizados novos na física, na história, na vida.

*Fiz meu doutorado na Universidade de Oxford, como estudante do **Wolfson College**. Cheguei a Oxford no dia primeiro de outubro e as aulas começariam dia 12, tempo não muito suficiente para que eu conseguisse acordar às 8 horas e comprar uma bicicleta.*

Logo no primeiro dia fui procurar o meu orientador, que se chamava Dr. Brian Buck. A recepção não foi das mais calorosas. Disse-me que eu precisava fazer muitas listas de exercícios e me concentrar nos cursos que teria que assistir. Ele conversaria comigo dentro de um ano, quando meu estágio probatório para ingressar no doutorado tivesse acabado. Na verdade, o mestrado não era reconhecido por lá e eu teria que ser aprovada em todos os cursos para tornar-me aluna de doutorado.

*Resolvi, então, ler sobre os outros professores da área. No **Department of Theoretical Physics**, que hoje se chama **Rudolf Peirls Centre for Theoretical Physics**, havia só mais um, o Dr. David Brink. Li que um dos assuntos pelos quais ele se interessava era o modelo de bósons interagentes (IBM). Lembrei-me de um professor da USP falando sobre esse assunto numa escola de verão e fui procurar o Dr. Brink. Disse-lhe que o Dr. Buck só falaria comigo em um ano, que eu estava com tempo sobrando e gostaria de trabalhar com IBM. A primeira pergunta que ele me fez foi quantos filhos eu pretendia ter na Inglaterra. Já que eu estava sendo franca, ele também seria. Estranhei a pergunta e disse que eu não tinha ido lá ter filhos e sim, fazer meu doutorado. Só alguns meses mais tarde, fiquei sabendo que ele tinha orientado uma brasileira que, em quatro anos, teve três filhos e, conseqüentemente, não conseguiu acabar os estudos. Hoje eu fico me perguntando se algum estudante de doutorado, homem, casado, alguma vez teve que responder uma*

pergunta dessas. Mas é claro que não há nenhum machismo ou discriminação de gênero entre físicos e intelectuais. Nem pensar... Muito bem, já que eu não ia ter filhos, ele resolveu me dar alguns **papers** para ler e já combinou que me apresentaria um pós-doc grego que estava trabalhando com esse assunto, o Dr. Dennis Bonatsos, no dia seguinte. Foi um ótimo começo. O Dr. Brink tinha uns dez orientandos e, na hora do **tea time**, todos fazíamos fila para tentar falar alguns minutos com ele. Nem sempre tínhamos sucesso. O Dr. Dennis Bonatsos, no entanto, tinha todo o tempo do mundo para mim. Ele logo sugeriu que eu fizesse um cálculo trabalhoso e longo, mas fácil de entender. Em menos de 9 meses, eu havia publicado meu primeiro paper, mesmo tendo que assistir aos cursos.

Na verdade, o período de aulas era relativamente curto em Oxford. O ano letivo era dividido em 3 termos: Michaelmas term, de outubro a dezembro, Hilary term, de janeiro a março e Trinity term, de abril a junho, cada termo constando de apenas 8 semanas. É claro que durante os termos eu não tinha muito tempo para pesquisa. Mas os intervalos eram enormes e então dava para trabalhar o dia todo com o que eu quisesse.

O Dr. Brink é uma das pessoas mais gentis que já conheci, além de ser excelente pesquisador e orientador. Apesar de não ser inglês (ele nasceu na Tasmânia, Austrália) é um verdadeiro **gentleman** e possui um senso de humor muito britânico.

Quando eu levava algum resultado para ele ver que ele percebia estar errado, sempre me dizia coisas do tipo “**I don’t quite understand...**” ou ainda “se o seu resultado estiver correto, muitos trabalhos terão que ser revistos...”. Eu nem insistia. Ia embora para recalcular.

Depois do doutorado, voltei ao Brasil e comecei a me envolver com aulas, primeiro no Mackenzie, depois na USP durante um pós-doc e, finalmente, na UFSC, onde estou desde 1992. A vida em São Paulo, depois de quase três anos vivendo na Inglaterra, parecia-me cada vez mais difícil. Sem dúvida, viver em Oxford mudou toda a minha percepção sobre qualidade de vida. A minha rotina de trabalho envolvia idas e vindas de bicicleta. O carro, que era uma necessidade para a minha locomoção em São Paulo, era usado só aos finais de semana em Oxford. A vida seguia sem agitações junto à calmaria do rio **Cherwell**, passeios a pé pelos parques, confraternizações no **College**, jogos de **squash** e tênis. Oxford é uma cidade pacata, onde parece que as coisas não mudam há séculos. Tentei, então, encontrar um local no Brasil que me oferecesse uma qualidade de vida semelhante e, por isso, prestei concurso para a UFSC, em Florianópolis.

No começo, tive enormes dificuldades para trabalhar, apesar da grande motivação dos professores que já lá estavam e que nos receberam da melhor forma possível. No entanto, a biblioteca era obsoleta, havia apenas um micro-

computador e ainda se utilizava um computador IBM de grande porte, mas não grande capacidade de fazer cálculos. Além disso, nem cadeiras adequadas tínhamos para sentar. Por muitos meses, continuei indo para São Paulo às quintas-feiras à noite e trabalhando na USP nas sextas feiras.

Além da dificuldade para fazer pesquisa, ainda havia as aulas para preparar e ministrar. Eram 9 horas por semana distribuídas em 3 turmas diferentes. No meu primeiro semestre, ao menos peguei 3 cursos iguais, mas depois, isso nunca mais se repetiu.

*Dois anos depois da minha contratação, graças a um grande projeto Finep, a nossa infra-estrutura computacional mudou da água para o vinho. Chegaram estações de trabalho SPARC2 e Solaris e acabaram os problemas com computador. Ao menos, os meus... Também conseguimos autorização da Finep para comprar cadeiras decentes para os membros do grupo de Física Nuclear. Os problemas com a biblioteca também foram minimizados, mas eu os resolvia solicitando cópias dos papers aos amigos da USP, IFT e UFRGS. Anos mais tarde, com a disponibilização dos periódicos **on-line** pela Capes, também deixei de sentir falta de uma biblioteca bem equipada com periódicos.*

Enfim, foram 4 ou 5 anos difíceis, mas eu diria que trabalhar hoje na UFSC é tão bom ou melhor do que trabalhar nos grandes centros do Brasil. A infraestrutura para pesquisa é razoável e a vida numa cidade pequena é bem menos tumultuada. Damos muitas aulas, é verdade. Os professores da USP, da UFRJ e de outros centros parece que conseguem, de alguma forma, driblar a exigência das 8 horas em sala de aula. Nós, por vezes, ministramos mais do que as tais 8 horas. Mas o contato intenso com os alunos tem várias vantagens, apesar de ser cansativo.

A carreira de professor universitário permite que tenhamos uma enorme diversidade de atividades e, sem dúvida, aquela que mais me cativa, é a pesquisa científica.

A vida de um cientista, em geral, é atribulada mas, eu diria, muito privilegiada. Além da incrível oportunidade de conviver com outras pessoas de diferentes nacionalidades, viver em diferentes países e estar sempre na vanguarda dos acontecimentos de sua área, ainda lidamos com os jovens nas salas de aula. Trabalhar com pesquisa nos dá chances de estabelecer colaborações com cientistas de outras Instituições e até de outros países, de ir a Congressos ao redor do mundo, ver e ouvir coisas novas o tempo todo. Também temos opções com relação às aulas que vamos ministrar e, em geral, conseguimos escolher as disciplinas que mais nos interessam.

2 Ensino e orientação

Na minha opinião há várias tribos de alunos: aqueles que só querem passar, aqueles que querem ser passados, aqueles que querem aprender e aqueles que ainda não descobriram porque estão na Universidade.

Dentre os que só querem passar e aqueles que querem ser passados, há muita falta de respeito com o professor. Talvez esse desrespeito seja gerado por um sistema de ensino existente nos ciclos fundamental e médio, onde o professor é mal pago, completamente desvalorizado e com certeza, desrespeitado socialmente. Talvez, ainda, a falta de respeito ao próximo venha de casa. Uma vez, ouvi de uma colega de Departamento uma história interessante sobre o Japão pós guerra. Tendo sido tudo destruído, o Imperador ordenou que o seu Palácio só fosse reconstruído depois de todas as escolas. Não sei se isso de fato ocorreu, mas mostra um respeito cultural à imagem da escola que o Brasil precisaria aprender. Infelizmente, muitos dos nossos últimos governantes acham que se faz uma boa escola apenas com novos computadores e se esquecem que, principalmente, nos níveis mais fundamentais, é o professor o responsável pela informação e, antes de tudo, pela formação que o aluno recebe. Professores bem pagos são mais motivados e mais bem qualificados e toda a sociedade se beneficia. No sistema atual, o salário para professores de ensino fundamental e médio recém formados é tão baixo, que muitos procuram outras profissões e os que ficam, trabalham 40 ou mais horas em sala de aula, o que é suficiente para que não consigam fazer mais nada além de comer e dormir quando não estão lecionando. Esse fato também explica a falta de procura e, muitas vezes, o baixo número de formandos em cursos de licenciatura no Brasil, principalmente em cursos mais difíceis, como física e matemática.

Voltando aos alunos da UFSC...Coisas realmente impressionantes acontecem nas vésperas das provas, como intoxicação coletiva, morte de vários parentes de alunos de uma mesma sala e até crises de choro dois minutos antes do início da prova na sala do professor. Demorei alguns semestres para aprender a lidar com esses problemas...Hoje essas cenas não mais se repetem, ao menos comigo.

Há também os alunos arrogantes que sabem muito mais do que qualquer professor. Esses alunos, em geral, cursam física e se espelham na imagem de Einstein, Galileu, Newton ou deles mesmos. Normalmente têm um discurso elaborado sobre tudo em física, mas não sabem nada além do que consta em orelhas de livros de divulgação sobre nenhum assunto. Costumam ir mal ou mediocrementemente nas provas e falam mal de muitos (ou de todos os) professores que já tiveram. O pior de tudo é que conseguem se formar e levam essa terrível imagem para fora da UFSC. Alguns deles amadurecem e retornam, anos mais tarde, para fazer pós-doutorado ou ser professor substituto. Outros não

perdem a arrogância jamais...e a carregam durante a vida profissional como um pesado fardo.

Por sorte, há os bons e, às vezes, os excelentes alunos. Tive sorte de orientar alguns desses estudantes. Alguns foram apenas meus alunos em cursos de graduação e de pós-graduação. Com todos eles aprendi muito, desde como aperfeiçoar relacionamentos professor-aluno até a fazer física. Ter um bom aluno que consegue nos mostrar como fazer algo melhor é gratificante. Acho que é mais ou menos como ter um filho que se sai bem na vida. E também tive dois alunos muito esforçados que, a custo de muita dedicação e trabalho, conseguiram resultados pessoais melhores do que alunos mais aquinhoados intelectualmente, mas mais preguiçosos.

Os relacionamentos professor-aluno e orientador-orientando também são muito importantes no desenvolvimento de um trabalho. Quando há empatia, tudo corre de forma mais suave. Dar aulas e orientar é um eterno aprendizado e, como professora universitária, sinto-me particularmente privilegiada por poder conviver diariamente com uma geração que está no auge da motivação pessoal e por ter a necessidade de continuar evoluindo e aprendendo com cada nova geração.

Ministrei **todas as cadeiras de física básica**, tanto para alunos da física, quanto para alunos dos cursos de engenharia, química e matemática. Para os cursos de física (bacharelado e licenciatura) , ministrei as seguintes disciplinas:

- Introdução à Física Moderna
- Estrutura da Matéria
- Mecânica Geral
- Mecânica Quântica
- Introdução à Física Nuclear e de Partículas Elementares
- Teoria Eletromagnética I

Meu envolvimento com alunos sempre foi enorme. Ao longo dos meus 22 anos de UFSC, supervisionei 5 pós-docs, orientei 5 doutores e estou orientando outros 3, orientei 11 mestres, 20 alunos de iniciação científica e 25 de extensão, a maioria deles como mediadores do projeto de extensão **Parque Viva a Ciência**, sobre o qual voltarei a escrever.

3 Exercício de cargos na administração central

Em abril de 2008, fui convidada pelo recém eleito Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Prof. Alvaro Toubes Prata, para tocar um projeto ambicioso: juntar, administrativamente, as Pró-Reitorias de Pesquisa e de Extensão da UFSC. A proposta surgiu da percepção de que ambas as atividades acadêmicas são norteadas pelo desenvolvimento de projetos e pela formação de estudantes, a grande maioria deles, detentores de bolsas de iniciação científica e de extensão. Exerci o cargo de **Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão da UFSC** de 10/05/2008 a 12/05/2012 e várias atividades mencionadas a seguir ocorreram em função de minha atuação nesse cargo.

Assumi também os seguintes cargos administrativos:

- Representante docente da área de Física Nuclear e de Hádrons junto ao Colegiado Delegado do Programa de Pós-Graduação em Física, desde 08/09/2014
- Membro da Comissão de Administração do Difratorômetro de Raio-X, desde 26/05/2008
- Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Física, de 04/09/2006 a 12/05/2008.
- Membro da Comissão PROF/UFSC, responsável pela política de distribuição de recursos da CAPES, de 02/2007 a 05/2008.
- Coordenadora de Acompanhamento e Avaliação da produção Intelectual da UFSC, no Departamento de Apoio à Pesquisa, ligado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, de 18/10/2000 a 12/07/2004.
- Presidente da Comissão de Informática do Depto de Física da UFSC, de 05 a 11/2000.

4 Produção Intelectual

Enquanto nas áreas de humanas, escrever livros é uma atividade necessária e reconhecida, na área de física, ela fica relegada a um plano menor, uma vez que nosso meio de divulgação de resultados científicos é muito internacionalizado e focado em revistas de impacto na comunidade científica. Mesmo assim, acabei escrevendo três livros.

O primeiro deles foi escrito por uma necessidade didática. Quando comecei a ministrar aulas na UFSC, os alunos tinham muita dificuldade para ler em inglês e, para facilitar a vida deles, e oferecer um material de consulta que fosse

além do que eu falava em sala de aula, escrevi o livro *Introdução à Física Nuclear e de Partículas Elementares*, publicado pela Editora da UFSC em 2002. A experiência foi penosa e deu muito trabalho, mas os frutos foram inegáveis. Até aquela época, toda a minha produção intelectual havia se materializado na forma de *papers*, encaminhados para revistas que, uma vez que aceitam os trabalhos, fazem todo o trabalho de correção e editoração. Com a Editora da UFSC, esses processos deram-se de forma completamente diferente. Para escrever o livro e inserir figuras, utilizei um programa usual na física, conhecido como *LaTeX*, que exige compilação, como num programa numérico. Essa forma de produzir textos é útil quando há muitas expressões numéricas, fórmulas e gráficos, mas era novidade absoluta para os revisores da Editora. Como consequência, tive que fazer a correção sozinha e aprender a lidar com frases solteiras e viúvas, que os revisores achavam inaceitáveis. Já não me lembro bem o que eram, mas referiam-se a frases pertencentes a parágrafos, mas que sobraram solitárias no final ou no começo de uma página. E cada vez que eu 'casava' uma dessas frases, gerava uma outra qualquer que era solteira ou viúva. Para uma física, um trabalho completamente inútil...

Em 2007, estive num congresso em Cusco, no Peru. Antes da minha palestra, falou um pesquisador renomado da Alemanha e, enquanto ele falava, a sala ficou absolutamente lotada. Imaginei que aqueles estudantes tinham ido até lá para ouvi-lo falar. Qual não foi minha surpresa quando, após minha palestra, muitos daqueles alunos foram pedir meu autógrafo em fotocópias do meu livro. Tenho que admitir que adorei aquele exemplo de pirataria ingênua! Um professor da Universidade de Cusco havia feito doutorado no Instituto de Física Teórica, em São Paulo e levado dois exemplares do meu livro para ajudá-lo nas aulas. E o livro tinha sido adotado em Cusco. Foi uma experiência muito gratificante.

O segundo livro, *Nos Bastidores da Ciência*, do qual retirei várias passagens para este memorial, foi escrito durante um pós-doutorado na Austrália, em 2005. Minha ideia foi falar sobre a importância da iniciação científica e, ao mesmo tempo, dar exemplos de quão interessante pode ser a vida de um cientista.

Em 2012, escrevi o livro *Parque Viva a Ciência - dificuldades para sua implantação em Florianópolis*, junto com o Prof. Nelson Canzian da Silva. O livro retrata o meu envolvimento com um projeto de implementação de um museu interativo de ciências em Florianópolis e os empecilhos políticos que impediram o projeto de tomar uma dimensão maior. Detalhes documentados sobre a atual conjuntura podem ser encontrados neste livro, disponível para download a partir do site da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência (ABCMC) e de debora.fsc.ufsc.br. Voltarei ao assunto desse projeto mais para a frente.

Desde 1986, escrevi 126 *papers* em revistas internacionais indexadas, 14 capítulos de livros, e mais de 100 trabalhos completos e resumos em anais de congressos. A medida da produtividade de um pesquisador, ao menos nas áreas de exatas e da vida, é dada por uma série de índices bibliométricos, tais como número de citações em outros artigos, fator de impacto das revistas onde seus artigos são publicados, fator h, definido como o número de *papers* (N_p) com número de citações maior ou igual a N_p , etc. Em 29 de outubro de 2014, eu possuía 167 trabalhos indexados no **ISI**, com 1356 citações e um fator $h=20$, que significa um número de 20 *papers* com ao menos 20 citações cada. O gráfico e os dados obtidos diretamente do site do **ResearcherID** e do **Scopus** estão anexados no final este memorial.

O CNPq dá uma bolsa de produtividade em pesquisa para dez por cento dos pesquisadores brasileiros e eu a tenho mantido desde minha contratação na UFSC, em função da minha produção bibliográfica. Atualmente, minha bolsa é nível 1B.

Numa avaliação pessoal da minha dedicação às diferentes atividades acadêmicas, a pesquisa tomou a maior parte do meu tempo, uma vez que envolve o que mais gosto de fazer: ler coisas novas na minha área de atuação, programar e escrever. A confecção de um *paper* requer essas três coisas em grandes doses. Enquanto muitos físicos teóricos preferem dedicar-se apenas à programação e outros são profícuos em ideias novas, mas não gostam de escrever, eu gosto de me envolver em todas as etapas do processo, isso é, de pensar em algo novo, ler o que existe a respeito do assunto, escrever os programas, analisar os dados e juntar tudo num novo trabalho escrito. Acho cada uma dessas fases, quando cumprida, muito gratificante.

Escrevi, também, mais de 30 trabalhos completos que foram publicados em anais de congressos e 14 capítulos de livros, sendo alguns deles por encomenda e outros de divulgação científica. O artigo *Fusão, Fissão e Fukushima: Mitos e Perspectivas*, escrito em parceria com Rafael Cavagnoli, fez parte do livro **Temas da Rio+20: Desafios e Perspectivas**, onde foi usado para discutir o problema energético brasileiro. O texto completo está disponível para *download* na minha página pessoal na internet.

5 Atividades de Extensão

- **Formulação de políticas públicas**

Antes de aceitar o cargo de Pró-Reitora, segui o procedimento que tem norteado minha conduta profissional (e, acredito, também pessoal): a metodologia científica. Busquei, dentro do que estava disponível nas páginas da UFSC (via internet), informações sobre os projetos em anda-

mento, as resoluções vigentes e o modo de distribuição de bolsas. Fiquei muito surpresa ao perceber que, de fato, havia dois pesos e duas medidas com relação a esses dois importantes pilares da vida profissional dos docentes e da formação acadêmica dos estudantes. Apesar de a UFSC ter pesquisa de qualidade e, em muitas áreas, reconhecida internacionalmente há muito tempo, a resolução da extensão era mais antiga (1998) e já permitia captação de recursos externos não provenientes de órgãos de fomento nem ministérios, com taxação interna. A resolução da pesquisa com artigos semelhantes só entrou em vigor, na UFSC, em 2006. Por outro lado, os projetos de extensão só eram aprovados por, no máximo, um ano e os bolsistas só recebiam bolsas por dez meses, enquanto que projetos de pesquisa podiam ser aprovados por três anos e as bolsas de iniciação científica eram concedidas por um ano.

O calcanhar de Aquiles pareceu ser a vigência das bolsas de extensão, que foram imediatamente alteradas para 12 meses. O processo da alteração da resolução que norteava a extensão foi bem mais longo e demorado. Apresentamos uma proposta de alteração aos membros da Câmara de Extensão e, concomitantemente, à Procuradoria Federal. Após muitas discussões, a proposta foi colocada em consulta pública para apreciação de toda a comunidade universitária. Os pontos mais delicados envolviam a captação de recursos via projetos de extensão por docentes e servidores e a cobrança de taxas pela UFSC, revertida em pequenas porcentagens à Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, à Secretaria de Cultura e Arte, às Unidades Administrativas e aos Departamentos de origem dos coordenadores dos projetos. Grande parte das discordâncias a respeito desse ponto tinham embasamento ideológico e no, infelizmente comum, 'achismo'. Apesar do dinheiro captado ser revertido, prioritariamente, para bolsas estudantis envolvidos com projetos de extensão, a resistência por parte dos alunos era enorme. Superadas as divergências, em 8 de dezembro de 2009, a nova resolução foi finalmente votada no Conselho Universitário e entrou em vigor.

Presidi também, por 4 anos, duas das quatro Câmaras da UFSC: a Câmara de Pesquisa e a Câmara de Extensão. A mesma dinâmica presente nos Fóruns Nacionais de Pesquisa e de Extensão tendia a se repetir internamente, uma evidência clara do perfil dos professores que se envolviam com essas atividades. Na Câmara de Extensão, as discussões tendiam a ser mais longas, adquirir um lado mais filosófico e as decisões geralmente envolviam preocupações com o caráter social das ações de extensão. Na Câmara de Pesquisa, a qualidade dos trabalhos era sempre uma questão de fundo, os pareceres tendiam a ser mais técnicos e as

decisões mais pragmáticas.

- **Organização de eventos**

Desde 1992, envolvi-me diretamente na organização de 6 eventos científicos de maior porte: em duas edições da escola de verão de física nuclear teórica Jorge André Swieca, em três edições da *Hadron Physics* e em uma edição da Reunião de Trabalho em Física Nuclear do Brasil.

Durante o período no qual estive à frente da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão participei da organização e da captação de verba para a realização de quatro edições da SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC), que ocorreram de 2008 a 2011 concomitantemente com o Seminário de Iniciação Científica, sempre na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, patrocinada pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação. Desde sua primeira versão, em 2000, a SEPEX tornou-se a principal feira de divulgação científica do Estado de Santa Catarina e participar da sua organização foi sempre uma tarefa árdua, mas muito rica. Na edição de 2009, foi também realizada a I Feira de Inventores e, na edição de 2011, o I Café Científico e Tecnológico, com a presença de pesquisadores da UFSC e empresários do Estado.

6 Coordenação de Projetos de Pesquisa e de Extensão

Desde minha contratação na UFSC, coordenei inúmeros projetos de pesquisa, de extensão e participei de várias comissões de elaboração de projetos institucionais. Alguns desses projetos, apresentados à FINEP para concorrer aos editais do CT-INFRA trouxeram aporte de recursos significativos, tanto para o Departamento de Física, como para a UFSC. A seguir, menciono apenas alguns dos que envolveram aporte de recursos financeiros.

- **Consolidação da Pesquisa em Física e Astrofísica Nuclear em Santa Catarina** - Chamada Pública FAPESC n. 06/2012, Chamada Pública FAPESC/CNPq - vigência 12/2012 a 12/2015 - R\$ 229.618,60
- **Matéria hadrônica sujeita a campos magnéticos fortes** - Chamada Pública MCT/CNPq - N ° 14/2012 - Universal - vigência 06/2013 a 12/2015 - R\$ 43.900,00
- **Fortalecimento das linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação da UFSC** - PNPd/CAPES - 12/2010 a 08/2013

- **Matéria nuclear e matéria estelar: modelos e aplicações** - projeto de intercâmbio científico com a Universidade de Coimbra apoiado pelo programa Capes/FCT n. 232/09 - 2009-2011
- **Estudo das Propriedades Nucleares e Hadrônicas com Modelos Relativísticos** - projeto de intercâmbio científico com a Universidade de Coimbra apoiado pelo programa CAPES/GRICES N. 100/03 (Portugal) - 2003-2006
- **Materiais nanoestruturados e transições de fase na cromodinâmica quântica** - projeto que financiou parte do novo prédio do Departamento de Física, bem como a compra de um difratômetro de raio X apoiado pelo edital Proinfra 01/2005 - Finep (CT-INFRA) - R\$ 1.148.350,00
- **Parque Viva a Ciência**

O projeto Parque Viva a Ciência (PVC), coordenado por mim e pelo Prof. Nelson Canzian, iniciou suas atividades em outubro de 2008, oferecendo um espaço lúdico científico para os estudantes, um espaço de lazer ao público em geral, e palestras de divulgação científica para alunos do ensino médio de Florianópolis e para o público leigo em geral. O Parque Viva a Ciência contou com apoio da administração central da UFSC de 2004 a 2012 e, nesse período, pleiteou uma área 51.000 m² para a sua instalação. Dois lotes, no aterro da baía sul, foram cedidos à UFSC em dezembro de 2009. Enquanto uma área mais adequada para a instalação do PVC não estava disponível, um espaço embrionário foi construído e aberto às escolas e à população em geral, dentro do Campus da UFSC, no entorno do Planetário. Nesse espaço foram alocados equipamentos interativos de grande porte e detalhes estão no site *vivaciencia.ufsc.br*. Desde o início, a ocupação do espaço onde se encontra o PVC atualmente, foi vista como provisória. Uma vez cedidos os lotes no aterro da baía sul, a ideia inicial era transferir para lá parte dos equipamentos de grande porte atuais e adquirir novos equipamentos. Infelizmente, por razões de ordem política, tanto em nível de governo local, como interno da UFSC, não há perspectiva de que essa transferência ocorra a curto prazo.

O Parque Viva a Ciência atendeu público escolar dentro do seu limite máximo de operação. Em 2010 foram atendidas 13.347 pessoas, sendo 86% das visitas agendadas por escolas e 14% de público espontâneo. Em 2011, foram 12.322 visitantes, sendo 91% das visitas agendadas. Em 2012, foram atendidos aproximadamente 15.000 estudantes e em 2013, 8.000 estudantes, número inferior aos anos anteriores devido à greve dos professores do ensino médio no Estado de Santa Catarina.

Para o ano de 2014 foram previstas palestras de divulgação científica nas escolas de Florianópolis. Os quatro temas escolhidos para as palestras são *A Origem do Universo*, *Fissão*, *Fusão e Energia Nuclear*, *Astronomia - a física nas estrelas* e *Desmistificando a Mecânica Quântica*.

Inúmeros projetos foram escritos e aprovados, sendo os mais significativos aqueles abaixo mencionados:

- **Projeto Fapeu-UFSC-Ciart** (Finep/01070065.00) - R\$ 598.000,00
- Coordenado por Thereza Christina Monteiro de Lima, Débora Peres Menezes e Nelson Canzian da Silva.
- Edital MCT/CNPq/SECIS/Fundações de Amparo à Pesquisa nº 64/2009 - **Espaços Científico-culturais** - vigência: 01/06/2010 a 31/05/2012 - O CNPq concedeu 8 bolsas ITI-A e 1 bolsa DTI-3 por 24 meses e a FAPESC concedeu R\$ 76.249,32
- **Parque Viva a Ciência** - Edital CNPq - vigência 2006-2009 - R\$ 90.500,00
- Recursos do MCTI para uma **maquete gigante do Estado de Santa Catarina** - R\$ 135.000,00

Alguns clipes sobre a inauguração do Parque Viva a Ciência podem ser acessados diretamente da minha página pessoal da internet.

Ainda, no que se refere à participação em pesquisa e extensão, lidero dois grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o **Física hadrônica nas matérias nuclear e estelar** e o **Parque Viva a Ciência**.

7 Participação em bancas

Particpei de um número significativo de bancas acadêmicas. Excluindo-se as bancas dos meus orientandos e aquelas das quais fui convidada para membro suplente, fui examinadora em 15 bancas de doutorado, 10 de qualificação de doutorado e 15 de mestrado. Presidi uma banca de concurso na área de física nuclear e de hádrons na UFSC.

8 Apresentação de Palestras

Fui convidada para proferir mais de vinte palestras em instituições internacionais, incluindo Inglaterra, México, Grécia, Portugal, Austrália, China, França, Espanha, Alemanha, Itália e Eslovênia.

Proferi mais de 50 seminários em congressos nacionais e internacionais desde 1988.

Dei várias palestras e cursos sobre avaliação da extensão universitária, um tema com o qual me envolvi durante minha gestão como Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão da UFSC.

9 Premiações

No dia da cidade de Florianópolis (23 de março), em 2012, recebi a **Medalha e Diploma de Mérito Francisco Dias Velho**, destinada à cidadãos florianopolitanos que mais notável contribuição deram a Comuna, Estado e País nas Artes, Letras e Ciências, por indicação do Vereador Ricardo Vieira. A premiação resultou dos esforços envidados para a construção de um museu de ciências na cidade.

Em 2013, fui paraninfa da turma de graduandos em bacharelado e licenciatura em física. O vídeo da cerimônia, realizada em 09/09/2013 está disponível no site da UFSC.

10 Atividades editoriais, arbitragem de produção intelectual e consultoria para órgãos de fomento

Tenho participado, de forma ativa, de atividades de arbitragem e editoriais, bem como dado assessoria *ad hoc* para órgãos de fomento e universidades. Dentre essas atividades, destaco as seguintes:

- Membro do corpo editorial da Revista de Extensão da Universidade Federal de Grande Dourados RealizaçãO.
- Arbitragem para Physical Review, International Journal of Modern Physics, Physics Letters A, Brazilian Journal of Physics and International Journal of Thermophysics.
- Consultoria para CNPq, Finep, Capes, FAPESC, Fundação Araucária e FAPESP.
- Assessoria *ad hoc* para UFSC, USP, UFRN, UFPr e UFPa.
- - Membro da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão junto ao Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas (FOR-PROEX) de 2011 a 2013.

- Membro do Comitê de Assessoramento do CNPq na área de Física e Astronomia, com mandato de 01/09/2013 a 31/08/2016.

11 Participação em associações científicas

Faço parte da **Sociedade Brasileira de Física** desde que iniciei o mestrado, em 1984. Em julho de 2012, fui eleita membro da Comissão da Área de Física Nuclear e Aplicações para um mandato de 3 anos.

Filiei-me, em 2005, a **Third World Organization for Women in Science**.

12 Considerações finais

Desde 1980, quando entrei na Universidade para cursar física, comecei a construir a carreira que hoje exerço. Durante os anos iniciais da minha formação como pós-graduanda fui conduzida por dois excelentes orientadores, Os professores Êmerson José Veloso de Passos, na USP e David Brink, em Oxford. Neles pude ver muito além de físicos. Ambos são pessoas hábeis no convívio social e muito educados e a atuação deles foi determinante no modo como passei a encarar a minha profissão.

Desde minha contratação na UFSC, trabalhei, tanto quanto possível, com pesquisa e mudei de temas inúmeras vezes, oscilando entre as áreas de física matemática e física nuclear de baixas energias até interessar-me por astrofísica relativística. Durante a graduação, fiz iniciação científica em áreas distintas, mas interessei-me, de fato, por cálculos teóricos, que me conduziram a um trabalho de mestrado no qual a mecânica quântica era utilizada para descrever propriedades especiais do núcleo do zircônio. Depois, fui trabalhar no INCOR, com física médica. Quando fui para Oxford, em função da troca de orientador **de fato**, mas não **de direito**, comecei a trabalhar com um modelo de mapeamentos bosônicos, que se destinava a descrever espectros de núcleos esféricos ou pouco deformados e, mais uma vez, tive que lançar mão de conhecimentos de mecânica quântica, mas também tive que aprender teoria de grupos e álgebras de Lie. Esse envolvimento com teoria de grupos levou-me a trabalhar com sistemas que podiam ser descritos por outros tipos de álgebras, conhecidas por álgebras quânticas e álgebras de quons, em trabalhos que eram mais física matemática do que física nuclear, propriamente ditos. Durante os quase três anos que permaneci na USP, depois do meu retorno de Oxford e antes de vir para a UFSC, comecei a trabalhar com a Profa. Marina Nielsen, que me apresentou a um modelo relativístico, usado para descrever equações de estado para matéria nuclear. Com o tempo, passei a usar esse mesmo tipo de

modelo também para estudar colisões de íons pesados e astrofísica nuclear, em trabalhos que tiveram um maior desenvolvimento durante o ano que vivi em Portugal e trabalhei com a Profa. Constança Providência, com quem tenho trabalho desde 1998, apesar de sermos amigas desde nosso tempo de estudantes em Oxford. Em 2005, quando fui para a Austrália, envolvi-me com o grupo do Prof. Don Melrose, que trabalhava em astrofísica e o meu interesse por essa área aumentou muito. Atualmente, continuo trabalhando com modelos relativísticos em aplicações variadas, tanto em estrutura nuclear quanto em astrofísica, mas também tenho feito algumas incursões em trabalhos que voltaram a depender do meu conhecimento em álgebras e teoria de grupos.

Procurei sempre motivar meus estudantes para a pesquisa científica e acredito ter tido sucesso nessa empreitada. Tentei captar recursos sempre que pude participar de editais, o que me ofereceu condições de trabalho adequadas e muito ajudou a independência dos meus alunos da infraestrutura, nem sempre ideal, oferecida pela UFSC.

Só me envolvi com projetos de extensão quando entendi que tinha maturidade para isso. Eu não acredito que um docente universitário necessite envolver-se com projetos de pesquisa e de extensão todo o tempo. Creio que as pessoas fazem coisas de qualidade quando estão empenhadas e gostam do que fazem e é justamente essa a grande vantagem do trabalho acadêmico: nos dá opções para escolhermos e, justamente por essa razão, devemos fazer o melhor possível, dentro das nossas limitações pessoais. Por muitos anos, vi o projeto do Parque Viva a Ciência como minha contribuição social, uma vez que minha formação deu-se, a partir de 1980, exclusivamente com dinheiro público. Infelizmente, o projeto não adquiriu a dimensão planejada por razões puramente políticas, uma vez que não houve falta de recursos e nem de ideias.

A participação em cargos administrativos nos mostra como é difícil a gestão da máquina pública, num ambiente no qual as chefias são temporárias e exercidas por iguais. O corporativismo e o protecionismo estão sempre presentes, com facetas boas e ruins. Enquanto Pró-Reitora, tentei alterar as regras para progressão funcional da UFSC e deparei-me com um quadro inesperado, num local onde a meritocracia deveria ser incentivada e apoiada: a maioria dos professores apoia uma progressão baseada quase que exclusivamente no tempo de serviço, o que corrobora o fato de que pessoas que não trabalham de forma igual ganham o mesmo e todos podem chegar ao topo da carreira.

Ainda como Pró-Reitora, outros dois aspectos da administração mereceram minha atenção, de forma especial.

O primeiro deles refere-se a um projeto de extensão que repercute, de forma indiscutível, em todo o Estado de Santa Catarina, o NETI, acrônimo para Núcleo de Estudos da Terceira idade (www.neti.ufsc.br). O projeto teve início em agosto de 1982, por iniciativa das Professores Neusa Mendes Guedes, do De-

partamento de Serviço Social, e Lúcia Takase Gonçalves, do Departamento de Enfermagem, e tornou-se o maior projeto de extensão da UFSC. Os principais objetivos do projeto são inserir o idoso nos contextos acadêmico, comunitário e social e capacitar profissionais para atuar na área gerontológica, produzindo conhecimento e qualificando a visão humana sobre o envelhecimento com cidadania, qualidade e dignidade. Durante os mais de 30 anos de sua constante contribuição, o NETI tem oferecido cursos de extensão em línguas, inclusão digital, formado grupos de encontros e oficinas com finalidades diversas (como contar histórias, dança, teatro, canto, música, autoconhecimento), oferecido apoio a cuidadores de pessoas com Alzheimer e Parkinson e cursos de alfabetização na terceira idade. Oferece, também, em nível de pós-graduação, cursos de especialização para profissionais da área de gerontologia. A dimensão do alcance desse projeto fica clara quando se organizam eventos e palestras voltadas para o público da terceira idade. Enquanto pesquisadores renomados nacionalmente dificilmente conseguem lotar a parte de baixo do Centro de Eventos da UFSC, nas palestras organizadas pelo NETI faltam espaços para todos os interessados. Admito que o meu envolvimento pessoal com o NETI foi uma surpresa para mim mesma. O projeto em si e as pessoas que a eles se dedicam me cativaram de tal forma que, muitas vezes, troquei reuniões de outros projetos importantes para a UFSC, como discussões sobre o CT-INFRA-Finep, para participar de palestras sobre gerontologia ou simplesmente ouvir os idosos do grupo de canto. Desenvolvi um profundo respeito pelo trabalho das coordenadoras do NETI com as quais trabalhei (Profa. Angela Alvarez, do Departamento de Enfermagem e Nina Schier, Enfermeira do Hospital Universitário) pela sua dedicação a um trabalho social tão relevante e, nem sempre, reconhecido pela maioria das pessoas da comunidade universitária.

O segundo aspecto que gostaria de mencionar refere-se à dinâmica das reuniões de instâncias decisórias na UFSC. Nas reuniões das duas Câmaras que presidi, as discussões tinham um tom puramente acadêmico, sem nenhum cunho político ideológico mais pronunciado. Infelizmente, quando se tratava das reuniões do Conselho Universitário, cujo acrônimo na UFSC é CUn, muitas das discussões acadêmicas iam por água abaixo, dando espaço para um teatro político que me deixava irritada e um tanto quanto desiludida com os caminhos da vida universitária. Por vezes sem fim, os esclarecimentos dos membros das Câmaras com relação a um determinado assunto (e aí me refiro às quatro Câmaras) eram relegados com base em argumentações oportunistas ou demagógicas. Alguns membros do CUn, que se reelegem por vezes sem fim nas suas Unidades de Ensino, tinham opinião a respeito de absolutamente tudo e solicitavam a palavra de forma quase contínua, numa repetição do que se passa ainda em muitas assembleias sindicais. Como resultado, apesar da paciência quase infinita do Reitor Prata, muitas discussões sobre resoluções e

outros assuntos de importância acadêmica acabavam sofrendo alterações desnecessárias e sem embasamento em dados concretos, em função do espaço que o achismo ocupa nas decisões institucionais. Pessoalmente, acredito que a metodologia científica deveria sempre prevalecer num ambiente formativo com o ambiente universitário mas, mesmo muitos dos cientistas acabam aderindo ao discurso do acho que, penso que...A Pró-Reitora de Ensino de Graduação da época, Profa. Yara Rauh Muller, costumava dizer que algumas decisões deveriam ser tomadas num ambiente ampliado das quatro Câmaras, como no passado, quando havia na UFSC o CEPE (Câmara de Ensino, Pesquisa e Extensão). Com certeza, o tom acadêmico seria o norteador das discussões. Com efeito, quando nos propusemos a discutir as regras vigentes para progressão funcional, os membros das quatro Câmaras foram convocados conjuntamente e as discussões foram bastante ricas, apesar de não terem vingado.


Apresentei acima um memorial sucinto, no qual constam as minhas atividades acadêmicas como docente, durante os 22 anos de trabalhos prestados à UFSC. Agradeço todo o apoio que recebi e venho recebendo de órgãos de fomento (CNPq, CAPES, FINEP, FAPESC, FAPESP), das bolsas institucionais da UFSC para meus estudantes de iniciação científica e de extensão, sem os quais grande parte das atividades que mencionei não teria sido possível. Agradeço também o ambiente fraterno e divertido proporcionado por alguns colegas do Depto de Física. Por fim, agradeço a Profa. Maria Lúcia de Barros Camargo, ex-Pró-Reitora de Pós-Graduação da UFSC, por ter lido, corrigido e opinado sobre este memorial.

Venho, então, por meio deste MAA, solicitar a ascensão para a classe E, de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

13 Apêndice 1 - Researcher ID

ResearcherID.com

http://www.researcherid.com/workSpacePublications.action

RESEARCHERID


[Home](#) | [My Researcher Profile](#) | [Refer a Colleague](#) | [Logout](#) | [Search](#) | [Interactive Map](#) | [EndNote >](#)

Peres Menezes, Debora

[Get A Badge](#) | [ResearcherID](#) | [Info](#)
Manage Profile

Your info page and badge
show only your public data
Preview Public Version

ResearcherID: F-9947-2013

Other Names: Debora Menezes, Debora Peres Menezes

E-mail: debora.p.m@ufsc.br

URL: <http://www.researcherid.com/vid/F-9947-2013>

Subject: [Enter a Subject](#)

Keywords: [Enter a Keyword](#)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0730-6889>

[Exchange data with ORCID](#)

My Institutions [\(more details\)](#)

Primary Institution: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Sub-org./Dept: Departamento de Física

Role: Researcher (Academic)

Joint Affiliation:

Sub-org./Dept:

Role:

Past Institutions:

Description: [Enter a Description](#)

My URLs: <http://www.fsc.ufsc.br/~deborahomepage.html>
deborafsc.ufsc.br

My Publications

My Publications (167)

[View Publications](#)

[Citation Metrics](#) ▶

[Manage](#) | [Add](#)

ResearcherID labs

[Create A Badge](#)

[Collaboration Network](#)

[Citing Articles Network](#)

Publication Groups

Publication List 1 (0)

[View Publications](#)

[Citation Metrics](#)

[Manage](#) | [Add](#)

Publication List 2 (0)

[View Publications](#)

[Citation Metrics](#)

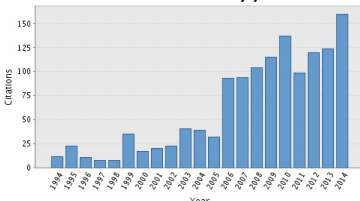
[Manage](#) | [Add](#)

[Help](#)
[Refer a Colleague](#)
[How to use these lists](#)

My Publications: Citation Metrics

This graph shows the number of times the articles on the publication list have been cited in each of the last 20 years. Note: Only articles from Web of Science Core Collection with citation data are included in the calculations. [More information about these data.](#)

Citation Distribution by year



Total Articles in Publication List: **167**

Articles With Citation Data: **166**

Sum of the Times Cited: **1366**

Average Citations per Article: **8.75**

h-index: **20**

Last Updated: **10/29/2014 11:31 GMT**

[Community Forum](#) | [Register](#) | [FAQ](#)
[Support](#) | [Privacy Policy](#) | [Terms of Use](#) | [Logout](#)

© COPYRIGHT 2014

14 Apêndice 2 - Scopus

Scopus - Analyze search results

http://www.scopus.com/term/analyzer.url?sid=FCFD86D706...

Scopus
 Search Alerts My list Settings
 Analyze search results

Register | Login
 Help and Contact | Tutorials
 Export | Print | E-mail
 Export the data to a CSV file
 Export the chart to a zip file

AUTHOR NAME (minmax:0 p) AND (LIMIT-TO (SUBAREA, "PHYS") OR LIMIT-TO (SUBAREA, "EARTH") OR LIMIT-TO (SUBAREA, "MATH")) [Back to your search results](#)

137 document results Choose date range to analyze: 1987 to 2014

Year	Source	Author	Affiliation	Country	Document type	Subject area
2014						
2013						
2012						
2011						
2010						
2009						
2008						
2007						
2006						
2005						
2004						
2003						
2002						
2001						
2000						
1999						
1998						
1997						
1996						
1995						
1994						
1993						
1992						
1990						
1989						

Documents by year

Year	Documents
1987	1
1988	1
1989	2
1990	1
1991	1
1992	2
1993	3
1994	3
1995	2
1996	3
1997	1
1998	3
1999	4
2000	4
2001	2
2002	3
2003	6
2004	10
2005	10
2006	8
2007	6
2008	11
2009	13
2010	8
2011	9
2012	9
2013	9
2014	10

About Scopus What is Scopus Scopus Coverage	Language 繁體中文 (TW) 繁體中文 (HK) 繁體中文 (CN)	Customer Service Help and Contact Live Chat	About Terms and Conditions Privacy Policy
--	---	--	--

Copyright © 2014 Elsevier B.V. All rights reserved. Scopus® is a registered trademark of Elsevier B.V. Cookies are set by this site. To disable them or learn more, visit our [Cookie page](#).

Scopus

Search Alerts My list Settings

Register | Login

Help and Contact Tutorials

Analyze search results

Export | Print | E-mail

AUTHOR-NAME (measur.d p) AND (LIMIT-TO (SUBAREA, "PHYS") OR LIMIT-TO (SUBAREA, "EART") OR LIMIT-TO (SUBAREA, "MATH")) [Back to your search results](#)

137 document results Choose date range to analyze: 1987 to 2014 [Analyze](#)

Year	Source	Author	Affiliation	Country	Document type	Subject area
------	--------	--------	-------------	---------	---------------	--------------

Document Type	Documents
Article	104
Conference Paper	28
Editorial	2
Erratum	2
Book Chapter	1
Total	137

Documents by type

Document Type	Count	Percentage
Article	104	75.9%
Conference Paper	28	20.4%
Erratum	2	1.5%
Book Chapter	1	0.7%
Editorial	2	1.5%

Scopus

Search Alerts My list Settings

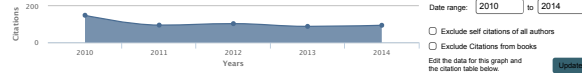
Register | Login
Help and Contact Tutorials

Citation overview This is an overview of citations for the documents you selected

Export | Print

137 cited documents [Save these documents to My list](#)

Document h-index: 20 Scopus does not have complete citation information for articles published before 1996. [View h-graph](#)



Documents

Citations

Sort on: **Date (newest)** Citation count (descending)

	<2010	2010	2011	2012	2013	2014	Subtotal	>2014	Total
Total	595	149	95	103	88	94	529	0	1124
1 Repulsive vector interaction in three-flavor magnetized qu...								0	0
2 Effects of the symmetry energy on the kaon condensates in th...						1	1	1	1
3 Protoquark stars: Stability windows and magnetic field effec...							0	0	0
4 Phase transition and critical end point driven by an externa...						3	3	3	3
5 Particle yields in heavy ion collisions and the influence of...							0	0	0
6 Hadronic and hybrid stars subject to density-dependent magne...						2	2	2	2
7 Publisher's Note: Deconfinement and chiral restoration withi...							0	0	0
8 Deconfinement and chiral restoration within the SU(3) Polyak...						9	9	9	9
9 The influence of strong magnetic fields on proto-quark stars						1	1	1	1
10 Imprint of the symmetry energy on the inner crust and strang...						1	1	1	1
11 Stability windows for proto-quark stars						3	3	3	3
12 Relativistic mean-field models and nuclear matter constraint...						1	1	1	1
13 Effective models, hadron-quark phase transitions and the QCD...							0	0	0
14 Revisiting heavy ion collisions under the influence of stron...							0	0	0
15 Rarita-Schwinger particles under the influence of strong mag...						1	1	1	1
16 The QCD phase diagram under magnetic fields							0	0	0
17 Revisiting pulsars and magnetars							0	0	0
18 Compact stars and the symmetry energy						1	2	3	3
19 Quark matter equation of state and stellar properties							1	1	1
20 Bulk properties of a Fermi gas in a magnetic field						3	10	13	13
21 The inner crust and its structure							0	0	0
22 The Influence of Hyperons and Strong Magnetic Field in Neutr...						1	1	4	6
23 QCD critical end point under strong magnetic fields						4	17	9	30
24 Eranium: Warm "baryon" phase in the Thomas-Fermi approximat...						1	1	1	3
25 Compact stars within a soft symmetry energy quark-meson coup...						2	3	6	6

Display 25 results Page 1 / 6

<p>About Scopus What is Scopus Content coverage</p>	<p>Language 日本語に力替え 繁體與簡體中文 繁體與簡體中文</p>	<p>Customer Service Help and Contact Live Chat</p>	<p>About Elsevier Terms and Conditions Privacy Policy</p>	
--	--	---	--	--

Copyright © 2014 Elsevier B.V. All rights reserved. Scopus® is a registered trademark of Elsevier B.V. Cookies are set by this site. To decline them or learn more, visit our Cookies page.

15 Apêndice - Itens avaliados Portaria 982

- I -atividades de ensino e orientação, nos níveis de graduação e/ou mestrado e/ou doutorado e/ou pós-doutorado, respeitado o disposto no art. 57 da Lei nº 9.394, de 1996;
- II – atividades de produção intelectual, demonstradas pela publicação de artigos em periódicos e/ou publicação de livros/capítulos de livros e/ou publicação de trabalhos em anais de eventos e/ou de registros de patentes/software e semelhantes; e/ou produção artística, demonstrada também publicamente por meios típicos e característicos das áreas de cinema, música, dança, artes plásticas, fotografia e afins.
- III – atividades de extensão, demonstradas pela participação e organização de eventos e cursos, pelo envolvimento em formulação de políticas públicas, por iniciativas promotoras de inclusão social ou pela divulgação do conhecimento, dentre outras atividades;
- IV – coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão e liderança de grupos de pesquisa;
- V – coordenação de cursos ou programas de graduação ou pós-graduação;
- VI – participação em bancas de concursos, de mestrado ou de doutorado;
- VII – organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino ou extensão;
- VIII – apresentação, a convite, de palestras ou cursos em eventos acadêmicos;
- IX – recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas;
- X – participação em atividades editoriais e/ou de arbitragem de produção intelectual e/ou artística;
- XI – assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão;
- XII – exercício de cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de chefia de Unidade ou do Campus/setores e/ou de representação; e
- XIII – atividades de cunho social e não previstas na extensão universitária como por exemplo: associações científicas, de classe, sindicais e outros.